

## Percursos metodológicos: processos e imagens

Msc. Maria Julia Stella Martins

### Resumo

Na pesquisa de doutorado investiguei, teoricamente e a partir de experimentos práticos, potencialidades do uso da fotografia, do audiovisual e da *performance art* como processos de intervenção, leitura e *locus* de produção e análise do imaginário urbano, buscando observar, registrar e expressar as diversas instâncias que o constituem. Para tanto, o que se propõe é a instauração de um estado de contemplação e escuta em relação às dinâmicas urbanas, tendo em mãos câmeras e gravadores para a produção de fotografias e materiais audiovisuais. Após o momento de captura de imagens segue o processo de análise e criação de narrativas decorrentes dos processos de montagem e edição. A partir das experiências acumuladas em decorrência dos procedimentos práticos e reflexões teóricas analisei de maneira crítica potencialidades que tais práticas possam oferecer no sentido de contribuir com os processos de ensino e pesquisa para o campo da Arquitetura e do Urbanismo. Foram realizados seis experimentos, um deles, individualmente e os demais, coletivamente. O primeiro trabalho foi realizado individualmente e resultou na série de foto performance, "Autorretrato sobre vidro de Lou Granada" (2015-2018). Um experimento em fotografia no âmbito da ação "A grande caminhada urbana (2017)" (*Big Urban Walk*) produziu registros ao longo das bordas da cidade de São Paulo e resultou na série "Rastros". Quatro experimentos se relacionaram à realização de narrativas fílmicas, dois dos quais referem-se às edições do projeto *Frontier Zones International Summer School* (2015 e 2017), e um trata da ação CentroSp (2017). Estes três experimentos foram realizados em ações coletivas, com o grupo de pesquisa Nomads.usp, e resultaram em 25 documentários de curta duração e na criação de um repositório *web* de acesso público. As gravações foram realizadas, majoritariamente, na região central da cidade de São Paulo. O quarto experimento foi realizado na Leuphana Universität, Lüneburg, Alemanha, resultando em uma *performance* em vídeo dança, oito documentários de curta duração e uma exposição.

**Palavras-chave:** zonas de fronteira; dinâmicas urbanas; leituras urbanas; procedimentos metodológicos; produção de imagem; *performance art*; centro de São Paulo.

## 1. Percursos metodológicos

As reflexões aqui apresentadas podem ser definidas como processos de criação de diálogos e relações entre diversos aportes teóricos, campos de conhecimentos, experimentos práticos e linguagens artísticas. Sendo assim, seu resultado também pode ser entendido como um convite ao diálogo para que sejam discutidos potencialidades e limites das hipóteses aqui expostas. O que se pretende é apresentar uma trajetória de pesquisa pautada em um conjunto de saberes articulados a partir de experiências práticas fundamentadas em estudos e experimentações. Reflexões e processos relacionados aos experimentos permitiram vislumbrar caminhos, potencialidades e limites que tais procedimentos possam ter. Acreditamos que a força deste trabalho, sua função, ou ainda, sua utilidade está no que lhe falta, e não nas conclusões e resultados que poderíamos definir e defender: está nas possibilidades, nas reflexões que possam nele se inspirar e que com ele se comunicar e compor. Sendo assim, seu êxito será atingido na experiência do leitor no sentido de estarmos sensíveis para observar questões, sugestões, possibilidades e conexões que o contato com este texto pôde suscitar.

Como pesquisadora e artista, o foco dos estudos, pesquisas e trabalhos desenvolvidos por mim sempre esteve relacionado à reflexão e proposição de processos metodológicos engendrados em práticas artísticas. O uso de linguagens artísticas, neste contexto, não é entendido como uma ferramenta auxiliar, mas, antes, como um recurso em si próprio. Entendemos que o saber e fazer artísticos se constituem como processos de produção de conhecimento em si mesmos constituindo um dos aspectos da multiplicidade da cognição e expressão humana. Através do fazer e do saber artísticos, é possível considerar a experiência estética e a criatividade como elementos fundantes dos processos de produção de conhecimento e, portanto, de leitura e expressão do mundo. Neste sentido, a produção de conhecimento é compreendida, em minhas pesquisas e proposições, como criação de campos de investigação, experimentação e articulação de graus de pertencimento e expressão.

O termo *zonas de fronteira* é o conceito que ancora e faz orbitar os estudos teóricos e os experimentos práticos, fundamentando a pesquisa em diversos âmbitos. Por um lado, ele orientou os experimentos práticos que buscaram destacar, analisar, ler e expressar as zonas fronteiriças presentes em dinâmicas urbanas; e por outro, contribuiu para entendimentos das relações entre composições entre ambientes concretos e digitais que compõem a identidade urbana contemporânea em âmbito coletivo e individual, presentes nas escalas da cidade e do corpo. Tal conceito permite, também, destacar e tensionar *zonas de fronteira* entre áreas de conhecimento, linguagens e práticas.

Registrar e intervir em dinâmicas urbanas através da produção de imagens significa buscar identificar onde a coexistência de diferenças acontece, onde se manifestam as estruturas de poder, seus tensionamentos, fraturas e rearranjos. Quando mergulhamos na cidade, habitando um estado de contemplação e escuta, de abertura para o desconhecido, o que se revela são inúmeras zonas de fronteira. Neste tipo de prática, baseada na relação entre captura de imagens e mergulho na cidade, o elemento central de produção e análise é o imaginário urbano. O que buscamos apreender nas zonas de fronteira são dinâmicas que constituem e são constituídas pela produção e representação do imaginário urbano.

O imaginário urbano se apresenta como sistemas simbólicos que atuam na construção de representações pautadas na circulação e produção de imagens que podem ser mentais, verbais, fotográficas, gráficas ou audiovisuais. Neste sentido, o imaginário expresso em dinâmicas urbanas, trata-se da experiência humana em seu sentido mais amplo que agrega e funde os âmbitos culturais, espaciais, mentais, sociais, econômicos, entre outros (LE GOFF, 1980). Cada grupo humano, cada fragmento urbano, cada sociedade complexa produz seu imaginário. O historiador francês Le Goff afirma que, “para tentar compreender como funciona uma sociedade e – tarefa que sempre foi do historiador – como ela muda e se transforma, é necessário encarar o aspecto imaginário” (LE GOFF, 1980, p. 15-16). E, afirma, ainda que “de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam” (LE GOFF, 2013, p. 10). Para se apreender o imaginário urbano trazendo à luz entendimentos e problematizações dos fenômenos sociais é fundamental compreendermos o funcionamento e a importância da imagem na cultura e na sociedade.

Para a Arquitetura e para o Urbanismo, práticas pautadas em experiências de observação, escuta e intervenção em dinâmicas urbanas permitem verificar limites e potencialidades da utilização da produção de imagens e de narrativas audiovisuais como meio de aproximação, representação e criação de dinâmicas e espaços urbanos em geral. Consideramos os espaços urbanos como espaços híbridos, constituídos pelos espaços físicos e pelos processos de comunicação entre seus usuários, nas dimensões concreta e virtual, auxiliados pelo uso de tecnologias de informação e comunicação. Ampliando as possibilidades de pesquisas para além do uso exclusivo dos métodos tradicionais da área, permitindo a elaboração de leituras urbanas diversificadas, na medida em que passa-se a considerar elementos estéticos e criativos. Acreditamos que processos de produção de pesquisas, imagens e narrativas audiovisuais nessas condições constituiria um *locus* de comunicação e reflexão conjunta envolvendo pesquisadores acadêmicos e comunidades extra-*campus*.

Trabalhos deste tipo pressupõem a comunicação e a permeabilidade entre áreas de conhecimento, possibilitando fomentar e criar perspectivas transdisciplinares de ensino e pesquisa. Ao adotar uma perspectiva transdisciplinar passa-se a considerar dinâmicas e interações de vários níveis de realidade simultaneamente, dinâmicas complexas próprias dos modos de vida nas cidades contemporâneas. Ao nos defrontarmos com a complexidade das dinâmicas urbanas passamos a considerar que a abordagem transdisciplinar possa contribuir

para a produção de entendimentos inovadores, na medida em que compreendemos que as dinâmicas são geradas por diferentes níveis de realidade. Se, o saber disciplinar nos possibilita o entendimento em um nível de realidade, ou fragmentos dele, a transdisciplinaridade, se alimenta do saber disciplinar e passa a se interessar pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de realidade e várias áreas de conhecimento ao mesmo tempo. Os três pilares que determinam a metodologia transdisciplinar proposta por NICOLESCU (1999) são “os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluso e a complexidade”.

“A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo **entre** as disciplinas, **através** das diferentes disciplinas e **além** de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”. (NICOLESCU, 1999, p. 16)

Optar por uma perspectiva transdisciplinar significa habitar zonas fronteiriças, zonas de hibridações entre campos de conhecimento e práticas capazes de criar dinâmicas de pesquisa, ensino e criação artística a fim de observar e intervir em dinâmicas urbanas para estimular a produção de entendimentos diversificados. Do ponto de vista metodológico, o que se propõe é desenvolver procedimentos exploratórios de pesquisa teórica e artística para produção de imagens e narrativas imagéticas que possam contribuir para entendimentos e criação do imaginário urbano contemporâneo estabelecendo relações de complementaridade e composição entre campos de conhecimento.

Aqui, a compreensão da ideia de habitar zonas fronteiriças é sustentada a partir do aporte teórico de HEIDEGGER (1951), entendendo o termo *habitar* no sentido proposto pelo filósofo alemão:

A maneira como tu *és* e eu *sou*, o modo segundo o qual *somos* homem sobre essa terra é: *Büan*, o habitar. A antiga palavra, *bauen* (construir), porém, diz que o homem é a medida que habita. (HEIDEGGER, 1951)

*Habitar* é compreendido como a relação essencial que caracteriza a coexistência entre ser, homem, mundo no âmbito de uma relação fundante que revela o ser e o mundo em sua completude. Neste sentido, a palavra *bauen* conjuga a correlação entre habitar e construir, sendo o ato de construir já uma condição de habitar. Deste modo, habitar espacialidades híbridas, como propõem Dutra e Firmino (2010) e zonas de fronteira significaria ser constituído por elas, ao mesmo tempo que os constrói e estabelece graus de pertencimento e de relação. Em sentido pleno, *habitar* é o traço fundamental do ser-homem, o que possibilita ao humano contemporâneo *habitar* não só espacialidades concretas, mas, também, espacialidades tecnológicas. Como afirmam DUTRA e FIRMINO (2010):

Não que se trata, portanto, de uma espacialidade que abole o espaço, tampouco uma espacialidade suplementar, mas infiltrações entre diferentes espacialidades físicas e informacionais através das redes digitais de comunicação: vive-se ambas, que se infiltram e remodelam” (DUTRA E FIRMINO, 2010, p. 108).

Se, por um lado, a obra científica procura a monossemia e o “interpretante final”, a obra artística, por outro, busca a polissemia, a abertura para diversas interpretações (PLAZA, 2003). Diferentemente de codificar um objeto, produzindo um discurso universalizante sobre um fenômeno, próprio do fazer científico; o fazer artístico tende ao singular e à diversificação, a sensibilidade artística se inventa e se constrói como objeto em si. Colocar em relação o fazer científico e o fazer artístico não significaria, portanto, fomentar juízos de valor - “melhor” ou “pior”, “útil” ou “inútil” - , mas, de outro modo, ajudaria a destacar especificidades e potencialidades de cada um deles, demonstrando as diversas capacidades cognitivas que se articulam na colaboração entre o sensível e o inteligível, desmistificando, assim, a dicotomia entre teoria e prática, saber e fazer. Para PLAZA (2003):

“O artista-teórico põe em prática uma ação contemplativa, de examinador e especulador sistemático. Com lucidez vai ao encontro dos princípios que fundamentam a sua arte. É neste sentido que ele se opõe ao mistério e à ingenuidade em arte, pois 'o inconsciente só funciona a plena satisfação quando a consciência cumpre sua missão até o limite das suas possibilidades' (Arnheim, 1980: 226). Assim, o meramente lúdico, é completado pelo lúcido, pois Mestre é aquele que domina as regras de seu jogo” (PLAZA, 2003).

Acreditamos que, ao nos utilizarmos de métodos de pesquisa e ensino que priorizem a produção e análise de imagens, possamos fomentar entendimentos e práticas que ampliem e enriqueçam processos tornando-os meios para a interação social que aproximam o fazer acadêmico e artístico das demais dinâmicas urbanas.

Diante da complexidade da coexistência urbana contemporânea, consideramos que a produção e análise de imagens constituem um meio relevante a ser utilizado para explorar, representar, estudar e, eventualmente, potencializar, junto aos espectadores/habitantes e usuários dos espaços arquitetônicos, questões urbanas atuais. E, em certa medida, potencializar a criação de espaços imagéticos que expressem de forma diversificada um dado território e suas dinâmicas.

Ao propor procedimentos metodológicos a partir de uma perspectiva transdisciplinar (NICOLESCU, 1999), estabelecendo relações de complementaridade, criação e diálogo entre campos de conhecimento e, a partir da composição entre práticas artísticas e reflexões teóricas buscamos contribuir com discussões que ampliem os entendimentos relacionados aos processos e métodos de pesquisa e ensino. Fazendo convergir para os processos de ensino e pesquisa elementos de diferentes campos e naturezas, potencializando possibilidades expressivas e de entendimento. O encontro e composição entre campos de conhecimento e diferentes práticas através de linguagens e meios oferecidos por diversas áreas podem ser explorados para fomentar proposições metodológicas diversificadas que estimulem entendimentos acerca do imaginário urbano de modo mais inventivo, participativo e dinâmico.

Acredita-se que a complexidade e multiplicidade crescentes da experiência urbana contemporânea demandaria a produção de entendimentos, possibilidades de intervenção e leitura que sejam eles, também, complexos, dinâmicos e múltiplos. Tanto as reflexões teóricas, como os experimentos práticos nos quais a pesquisa se fundamenta, estão voltados para proposições e reflexões geradas a partir das relações estabelecidas entre **corpo, cidade e imagem**. Buscam-se, aqui, menos definições precisas destes conceitos vistos de forma isolada e, mais, avistar pontos em que estes elementos se aproximam, se recombinaem e expressam dinâmicas urbanas e modos de vida nos dias de hoje.

## 2. Processos e imagens

No contexto da pesquisa de doutorado foram realizados seis experimentos, um deles, individualmente e os demais, coletivamente. O primeiro trabalho foi realizado individualmente e resultou na série de foto performance, "Autorretrato sobre vidro de Lou Granada" (2015-2018). Um experimento em fotografia no âmbito da ação "A grande caminhada urbana (2017)" (*Big Urban Walk*) produziu registros ao longo das bordas da cidade de São Paulo e resultou na série "Rastros". Quatro experimentos se relacionaram à realização de narrativas fílmicas, dois dos quais referem-se às edições do projeto *Frontier Zones International Summer School* (2015 e 2017), e um trata da ação CentroSp (2017). Estes três experimentos foram realizados em ações coletivas, com o grupo de pesquisa Nomads.usp, e resultaram em 25 documentários de curta duração e na criação de um repositório *web* de acesso público. As gravações foram realizadas, majoritariamente, na região central da cidade de São Paulo. O quarto experimento foi realizado na Leuphana Universität, Lüneburg, Alemanha, resultando em uma *performance* em vídeo dança, oito documentários de curta duração e uma exposição.

A criação e produção das fotos da série "Autorretrato sobre vidro de Lou Granada", trabalho de foto performance, foi desenvolvido ao longo de todo o processo de pesquisa. Neste caso, o processo criativo alimentou e ampliou as questões teóricas da pesquisa. O *alter ego*, Lou Granada, decorre do percurso de investigação artística e acadêmica desenvolvida no mestrado (MARTINS, 2014) que foi fundamentada, entre outras coisas, nos estudos em *Performance Art*. Lou Granada surge como um desdobramento identitário, um *alter ego* que se expressa através da fotografia. A série "Autorretrato sobre vidro, de Lou Granada" pode ser definida como trabalho de foto performance. As fotos de Lou Granada não são registros do ato performático, mas, de outro modo, são o próprio resultado da ação corporal. Ao olhar para seu reflexo em vidros e fotografá-los, Lou Granada, nos convida a refletirmos sobre composições entre corpo, cidade e câmera; sobre a potência da imagem como um disparador investigativo, sobre a criação de objetos imagéticos únicos.

O segundo experimento a usar a fotografia para fomentar a composição entre reflexão e produção de imagem resultou da participação e produção de fotos no contexto da ação, A Grande Caminhada Urbana (*Big Urban Walk*), coordenada pelo arquiteto e fotógrafo alemão Martin Kohler, como parte da programação da 11a. Bienal de Arquitetura de São Paulo (2017).

Neste contexto, nosso olhar deixou de mirar reflexos e transparências das janelas e vitrais das cidades para se fixar no fluxo da cidade. Se, Lou Granada, registra com sua câmera o fluxo composicional entre corpo e cidade, a partir do corpo estático em frente de um vidro; neste momento, o corpo está em movimento, imerso no fluxo da cidade. O corpo em movimento pela cidade produz instantâneos estáticos de dinâmicas urbanas, construindo um percurso imagético das fronteiras da cidade de São Paulo. A série fotográfica, “Rastros”, é resultado do caminhar. No primeiro momento, Lou Granada olha para si e não se reconhece mais, o que se dá a ver é sua gradual “evaporação”, sua fusão com a cidade nos reflexos dos vidros. Já, na Grande Caminhada, o corpo se desterritorializa e se lança no desconhecido como uma máquina de caminhar e fotografar para que a cidade possa ser vista em sua bestial diversidade e sutil encantamento.

Iniciando as reflexões e práticas no campo do audiovisual a partir das experiências acumuladas ao longo do projeto *Frontier Zones*. Este projeto possui várias vertentes, com ações realizadas no Brasil e na Alemanha. Para os estudos da pesquisa nos deteremos nas atividades e desdobramentos resultantes da ação *Frontier Zones International Summer School*. O projeto, como um todo, foi realizado a partir da parceria entre o grupo de pesquisa Nomads.usp, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e pesquisadores das universidades alemãs Hafencity e Leuphana, com duração de quatro anos (2015-2017) e co-financiado pela agência alemã DAAD e pela CAPES. A interlocução com pesquisadores de diversos centros de pesquisa alemães e profissionais altamente qualificados resultou em processos muito potentes para o aprofundamento das reflexões, práticas e exploração da linguagem cinematográfica do documentário como método de construção de leituras e intervenções urbanas, utilizando a linguagem audiovisual como método de pesquisa acadêmica e artística.

O projeto *Frontier Zones Zones International Summer School* teve duas edições, uma no ano de 2015 e outra em 2017. Ambas tiveram parte de suas atividades realizadas nas cidades de São Carlos e São Paulo. As capturas de imagem e som foram feitas em São Paulo, em 2015, quando as áreas adjacentes à Linha Azul (Norte-Sul) do metrô foram nosso campo de pesquisa. Na edição de 2017, as gravações se concentraram na região central da cidade. Nesses dois casos, foram exploradas diversas regiões e diversas dinâmicas, com diferentes grupos e contextos, resultando, deste modo, em produtos audiovisuais bastante diversificados.

Outro experimento que faz parte das reflexões sobre audiovisual e procedimentos metodológicos de ensino e pesquisa, trata-se da ação CentroSp, realizada por pesquisadores do grupo de pesquisa Nomads.usp como parte da programação da 11a. Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 2017. Esta ação é um dos desdobramentos resultantes da *Frontier Zones International Summer School*. As duas ações foram realizadas na cidade de São Paulo e seus objetivos são o mesmo “a exploração da linguagem cinematográfica do documentário como método de construção de leituras e intervenções urbanas, utilizando a

linguagem audiovisual como método de pesquisa acadêmica e artística”, como dito anteriormente.

As gravações e intervenções da ação CentroSp (2017) foram concentradas na região da Praça da República com foco especial para os moradores em situação de rua. Ao restringir a área e focar em grupos específicos os resultados obtidos permitiram explorar a diversidade narrativa acerca de dinâmicas comuns e produzir um vasto acervo imagético daquela região. Sendo assim, discutiremos ao longo deste capítulo os procedimentos envolvidos nas ações acima citadas refletindo criticamente sobre a produção de narrativas audiovisuais para leitura da cidade.

E, por último, foram realizados experimentos didáticos e de criação durante o estágio como pesquisadora e artista residente na Leuphana Universität, Lüneburg, na Alemanha, entre outubro e dezembro de 2018. A elaboração e execução do seminário *Frontier Zones in Urban Spaces*, em parceria com a Profa. Dra. Ursula Kirschner permitiu a ampliação das reflexões e discussões acerca da questão metodológica, em especial, das relações entre *Performance Art*, produção de imagem e transdisciplinaridade. A partir das discussões e reflexões foi pensado um conjunto de procedimentos e metodologias transversais a partir do uso dos diversos meios, formatos de ações de pesquisa e ensino, e a intervenção e ressignificação dos espaços, em particular, o *campus* da Leuphana Universität a partir de projeções dos filmes produzidos pelos estudantes.

## Referências

DUTRA, Fábio e FIRMINO, Rodrigo. Espaço, visibilidade e tecnologias: (re)caracterizando a experiência urbana. In BRUNO, F. KANASHIRO, M. e FIRMINO, R. (ORG.) *Vigilância e Visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

HEIDEGGER, M. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vorträge Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: [http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf). Visualizada em jun. 2019.

LE GOFF, J. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980.

\_\_\_\_\_. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINS, M. J. S. *Corpo em movimento: relações entre processo criativo e produção de conhecimento*. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Triom: São Paulo, 1999.

PLAZA, Julio. Arte/ciência: uma consciência. **ARS**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 36-47, 2003.